



1805 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 11 - Educação, Comunicação e Tecnologia

Mídias, Reflexividade, Massificação e Diálogo Formativo: Giddens e os Processos da Alta Modernidade
Ricardo Cocco - Universidade de Passo Fundo
Flávia Peruzzo - UPF - Universidade de Passo Fundo
Rosana Cristina Kohls - UPF - Universidade de Passo Fundo

Vivemos em sociedades cada vez mais constituídas de informações, e não de modos preestabelecidos de conduta. Estas transformações trazem consigo muitas possibilidades, até contraditórias entre si: a de sufocar as pessoas pelo excesso e alcance às informações, assim como de libertá-las da desinformação e do isolamento. Desta forma o indivíduo sente-se obrigado a viver realizando escolhas que passam a compor a sua narrativa de identidade, sempre aberta a revisões. Como então constituir um estilo de vida consciente, que não seja implantado por outros e que o sujeito perceba como sendo autenticamente seu? O artigo, de natureza teórico-bibliográfica, busca discutir, a partir deste diagnóstico, sob a luz da perspectiva de Giddens, o processo de formação do indivíduo e os fatores que lhe permitem ou dificultam fortalecer seu projeto de vida, individual e coletivamente constituído. Aponta para o resgate do diálogo vivo que oportuniza a constituição de uma individualidade permanentemente revisitada, infindavelmente revisada, e criticamente refletida, o que tenderia a fortalecer a autenticidade do eu e de seu projeto reflexivo.

Mídias, Reflexividade, Massificação e Diálogo Formativo: Giddens e os Processos da Alta Modernidade

RESUMO

Vivemos em sociedades cada vez mais constituídas de informações, e não de modos preestabelecidos de conduta. Estas transformações trazem consigo muitas possibilidades, até contraditórias entre si: a de sufocar as pessoas pelo excesso e alcance às informações, assim como de libertá-las da desinformação e do isolamento. Desta forma o indivíduo sente-se obrigado a viver realizando escolhas que passam a compor a sua narrativa de identidade, sempre aberta a revisões. Como então constituir um estilo de vida consciente, que não seja implantado por outros e que o sujeito perceba como sendo autenticamente seu? O artigo, de natureza teórico-bibliográfica, busca discutir, a partir deste diagnóstico, sob a luz da perspectiva de Giddens, o processo de formação do indivíduo e os fatores que lhe permitem ou dificultam fortalecer seu projeto de vida, individual e coletivamente constituído. Aponta para o resgate do diálogo vivo que oportuniza a constituição de uma individualidade permanentemente revisitada, infindavelmente revisada, e criticamente refletida, o que tenderia a fortalecer a autenticidade do eu e de seu projeto reflexivo.

PALAVRAS-CHAVE: Mídias, Reflexividade, Alta Modernidade, Giddens

1 Introdução

Para entendermos os processos de formação do sujeito e socialização precisamos voltar nosso olhar à compreensão o lugar, dos modos e das condições em que eles acontecem. Para isso inicialmente é importante ao menos apontar (já que nos parece impossível, devido à sua complexidade, definir ou determinar) alguns elementos que nos possibilitem compreender ou ampliar nossa visão sobre o *nosso tempo*. "Precisamos caracterizar esse fenômeno perturbador e tumultuado: a modernidade" (GIDDENS, 2002, p. 21). Compreender a constituição das sociedades modernas em suas múltiplas dimensões, a partir das tensões entre projetos individuais e coletivos, e das novas reconfigurações que afetam diretamente a vida pessoal e alteram de forma radical a vida social cotidiana nos permite o entendimento acerca da própria constituição do sujeito, por um lado, e também indicam, por outro, que as mudanças ou o caráter dinâmico das interações sociais expõe o caráter complexo da sua composição, o que nos autoriza a pensar a respeito da contribuição dos elementos subjetivos numa perspectiva sociológica e suas implicações.

As mudanças delineadas pela modernidade inerentemente globalizante de um lado e ampliadamente mais aberta à disposições pessoais de outro se assenta no diagnóstico de que ninguém pode se eximir das transformações provocadas por ela. As chamadas *sociedades complexas* são, neste sentido, a "expressão de sociedades que mais e mais complexificaram mediante processos internos de diferenciação e pelo alto dinamismo presente em todas as suas dimensões, tanto em extensão quanto em profundidade e intensidade" (CENCI; MARCON, p.2), o que impacta profundamente na formação e na estruturação e constituição dos sujeitos que nela estão imbricados.

2 As Mídias e os processos de individualização e socialização

Marcadamente as sociedades contemporâneas vêm configurando-se a partir de um processo de globalização cada vez mais intenso. As mídias convencionais (TV, rádio, jornais, etc.) e as mídias sociais (redes sociais, etc.), neste cenário, desempenham um papel significativo no que se refere à divulgação de informações, produção de sentidos, difusão de comportamentos, hábitos e modos de pensar, difusão da palavra. Funcionam espaços de socialização, relacionamento e interação. Enfim, são meios com os quais os indivíduos vêm se relacionando com o mundo que os cerca, com os outros e consigo mesmo. Entender os impactos das novas formas de mídia e os processos de socialização e formação do sujeito por elas incorporados e mobilizados é de extrema importância no momento em que os indivíduos estabelecem uma relação quase que ubíqua (capacidade de estar conectado à rede e fazer uso da conexão a todo o momento) com as tecnologias da informação e comunicação, adicionando-as de modo quantitativo e qualitativo ao seu mundo pessoal e social.

Em função das novas tecnologias, especialmente das novas mídias, as interações sociais não dependem mais de um local físico, no sentido de que a constituição do eu incorpora, também numerosos acontecimentos e experiências que extrapolam os limites geográficos. O advento dos meios de comunicação social refletem a forma como as novas relações sociais modificam inclusive as noções de tempo e espaço,

deixando-se guiar pela ideia de interação separada das particularidades e vicissitudes do lugar em que ocorrem. “Estamos todos familiarizados com eventos, com ações, e com a aparência visível de cenários físicos a milhares de quilômetros de onde vivemos. O advento da mídia eletrônica sem dúvida acentuou este aspecto de deslocamento, na medida em que enfatiza a presença tão instantaneamente e a tanta distância” (GIDDENS, 1991, p. 155).

As mídias tende a contribuir para a criação uma aldeia global, onde todos os indivíduos assistem/acompanham aos acontecimentos importantes se desdobram e sendo assim participam em maior ou menor intensidade, com maior ou menor grau de reflexividade deles. Neste mundo interconectado, as pessoas vivenciam os mesmos acontecimentos a partir de muitos locais diferentes. Anthony Giddens, no texto Sociologia (GIDDENS, 2012), de caráter eminentemente didático, faz um resgate histórico e analisa, dentre vários temas, a recente revolução das tecnologias da comunicação e como estes tem impactado nas sociedades ao redor do mundo, bem como seus efeitos nos processos de socialização e individualização por ela fomentados. Afirma ele, “como indivíduos não controlamos a mudança tecnológica, e alguns críticos perceberam que o ritmo acelerado desses mudanças ameaçam inundar as nossas vidas [...] Entender o impacto das novas formas de mídia digital será uma tarefa importante para as próximas gerações (GIDDENS, 2012, p. 550).

No texto Giddens aponta que os entusiastas destas tecnologias acreditam que elas têm a potencialidade de promover novas formas de relacionamento que viriam a complementar ou melhorar as interações presenciais existentes, o que traria uma adição positiva para a constituição do indivíduo e crucial para qualquer sociedade. De outra parte, muitos não têm uma perspectiva tão entusiástica, e temem que a difusão cada vez maior das novas tecnologias venha a aumentar o isolamento social e a atomização da sociedade. O contato humano seria reduzido e as relações sociais deixadas de lado, o que enfraqueceria o tecido da vida social. Outros, no entanto reconhecem o papel altamente positivo das novas mídias de massa, mas afirmam que ao mesmo tempo não podemos simplesmente querer que seu lado obscuro desapareça.

No início do século XX, teóricos da que ficou conhecida como corrente funcionalista (Harold Laswell, Max Webber, dentre outros) se concentraram em compreender como as mídias poderiam ajudar a integrar e unir as sociedades de maneira a estabilizar o sistema social. Para estes as mídias possibilitavam um fluxo contínuo de informações e questões que podem afetar os indivíduos pessoalmente. Além disso, ela contribuiria no sentido de fazer o indivíduo entender as informações que ela traz, bem como na tarefa de reconhecer novos acontecimentos e forjar valores comuns, além de ter a capacidade de mobilizar os indivíduos para que contribuam com o equilíbrio e o funcionamento social. No entanto, “as explicações funcionalistas tem pouco ou nada a dizer sobre a recepção dos produtos da mídia pelo público, tendendo a pressupor que os indivíduos sejam receptores relativamente passivos em vez de intérpretes ativos das mensagens da mídia” (GIDDENS, 2012, p. 530).

Na esteira oposta, numa perspectiva crítica, de uma inspiração marxista, a chamada Teoria do Conflito analisa como a mídia de massa representa na prática e no discurso interesses econômicos de uma determinada classe social, e que por meio dela dissemina seus modos de ser e de pensar ao restante da população. Nesta perspectiva as tecnologias da comunicação seriam um instrumento de dominação de uma classe sobre a outra, de um indivíduo sobre o outro. Enfim, um verdadeiro aparelho ideológico com o objetivo de distorcer a realidade a fim de não permitir ao indivíduo uma perspectiva “verdadeira”, mas alienada sobre suas vidas, legitimando e justificando os interesses dos grupos dominantes na ordem social. Os teóricos da Escola de Frankfurt sustentavam que a disseminação da Indústria Cultural, ou seja, a produção em grande escala de produtos culturais padronizados e dominada pelo desejo de lucrar tanto quanto em outro setor, voltados para o maior público possível, enfraquece a capacidade individual de pensamento crítico e autônomo. Neste sentido, o que inicialmente poderia representar um espaço público de diálogo acaba por levar a termo uma representação muito específica de *self*, de modo que as características individuais não seriam mais consideradas, mas abduzidas pelas características da massa. As críticas a esta perspectiva residem no fato de que ela supõe que as pessoas não conseguem resistir aos apelos da mídia tornando-se presas delas e de que as críticas se concentram na produção da cultura dando pouca ou nada atenção ao público e à recepção das mensagens.

Habermas, em certa medida, compartilha da agenda de desconfiança em relação às mídias de massa ao sugerir que, na medida em que os meios de comunicação globais se tornam cada vez mais veículos comerciais, eles tendem a enfraquecer o que ele chama de esfera pública (fórum constitutivo e que lubrifica as engrenagens do processo democrático). As mídias não cumpririam a expectativa que a elas recairia desde a sua criação fazendo com que a esfera pública se torne um engodo, no sentido de que ela não mais se apresentaria como um meio de discussão racional e aberto, mas por manipulação e controle, onde o desenvolvimento da indústria cultural e o entretenimento triunfa sobre a controvérsia, e sufoca o debate, enfraquecendo a possibilidade de participação cidadã em questões públicas. “A mídia, que prometia tanto, se tornou parte do problema da democracia. Ainda assim, Habermas se mantém otimista. Ele argumenta que ainda é possível imaginar uma comunidade política [...] onde questões passam a ser discutidas abertamente” (GIDDENS, 2012, p. 533).

De um ponto de vista bem menos negativo e hostil às mídias de massa os estudos interacionistas percebem que cada vez mais os meios de comunicação modernos, em vez de negar a possibilidade de pensamento crítico, de fato poderiam proporcionar muitas formas de informação e espaços qualificados de discussão, mas que, no entanto, ainda pecam por tratar as pessoas como agentes passivos, apenas receptores das suas mensagens, ignorando as capacidades dos indivíduos de processar e manipular de formas diferentes as informações e os discursos.

As mensagens da mídia costumam ser discutidas por indivíduos durante e após a recepção ... [Elas] são transformadas por meio de um processo contínuo de contar e recontar, interpretar e reinterpretar, comentar, rir e criticar ... Recebendo as mensagens e incorporando-as às nossas vidas ... estamos constantemente moldando e remoldando nossas habilidades e estoque de conhecimento, testando nossos sentimentos e gostos, e expandindo os horizontes da nossa experiência (THOMPSON, 1995, p. 42-43).

A pergunta que vem à tona é: de fato, os meios de comunicação de massa estão proporcionando para os indivíduos uma ampliação das discussões sobre as questões cruciais de nossa época ou proporcionando novos espaços públicos para o engajamento dos sujeitos nos debates políticos e morais?

Alguns autores se destacam neste cenário, como, por exemplo o francês Jean Baudrillard, que considera que as mídias de massa modernas não somente nos relatam o que está acontecendo com o mundo e conseqüentemente conosco, mas cada vez mais definem aquilo que o mundo é na realidade. O autor aponta para o fato de que o limite sempre tênue entre realidade e representação entrou em colapso, e de que a representação se torna mais real do que o próprio real (hiper-realidade). Segundo ele assistimos a cobertura da mídia sobre os acontecimentos para sabermos o que realmente está acontecendo. Vivemos em uma época em que as tecnologias da informação e da comunicação estão em toda a parte e da mistura do comportamento das pessoas e das imagens da mídia forma-se uma nova realidade.

A respeito disso Giddens (2002), declara que “nas condições da modernidade, os meios de comunicação não espelham realidades, mas em parte as formam. O que não deve nos levar à conclusão de que os meios de comunicação criam um reino autônomo de ‘hiper-realidade’, onde o signo ou a imagem é tudo” (GIDDENS, 2002, p. 32).

As mais recentes teorias da recepção apresentam formas diferenciadas de compreender o fenômeno das mídias e seu impacto sobre os processos de socialização e individualização. Para os críticos do modelo *hipodérmico*⁴¹ os indivíduos exercem um papel qualitativamente mais ativo em relação às tecnologias da comunicação. Consideram que os sujeitos reagem e interpretam os textos de diferentes maneiras e o fazem sob o crivo de suas experiências de vida, das condições socioculturais em que se encontram, a partir de interesses e necessidades diversas. “Podemos ver um afastamento de modelos unidirecionais (da mídia para a audiência), em favor de modelos bidirecionais que

permitem espaço para os espectadores influenciarem a produção da mídia, em vez de simplesmente serem esponjas passivas que absorvem tudo o que surge pela frente" (GIDDENS, 2012, p. 540).

Para Giddens esta presença ostensiva traz consigo muitas possibilidades, "até contraditórias entre si, inclusive a de sufocar as pessoas pelo excesso de alcance de informações, assim como de libertá-las da desinformação e do isolamento" (NASCIMENTO, 2009, p. 144). É, portanto, improvável não reconhecer as imensas transformações nos modos de ser e de estar no mundo dos sujeitos decorrentes da presença e do desenvolvimento dos meios de comunicação.

3 Reflexividade e a *Alta Modernidade*

Numa sociedade cada vez mais constituída de informações, e não de modos preestabelecidos de conduta, o indivíduo sente-se, então, dessa forma, obrigado a viver realizando escolhas que passam a compor a sua narrativa de identidade, sempre aberta à revisões. "A reflexividade da modernidade se estende ao núcleo do eu" (GIDDENS, 2002, p. 37), que se torna, cada vez mais, potencialmente um projeto reflexivo. Isso posto, em que condições ou aspectos pode se realizar ou se realiza o "eu reflexivo"? Ou no contexto de reflexividade, a constituição do eu é sempre reflexiva? As biografias são sempre reflexivamente organizadas?

Para Giddens, "o mundo moderno é um mundo em 'disparada'." (GIDDENS, 2002, p. 22), um acontecer, uma construção, e que guarda em seu acontecimento uma cultura do risco. "Aceitar o risco como risco, orientação que nos é mais ou menos imposta pelos sistemas abstratos da modernidade, é reconhecer que nenhum aspecto de nossas atividades segue um curso predeterminado, e todos estão impostos a acontecimentos contingentes" (GIDDENS, 2002, p. 33). Isto quer dizer que na modernidade se amplia tanto as oportunidades quanto as incertezas e os perigos (metáfora do casamento e do divórcio). "Descortina-se, para o indivíduo, um mundo de diversidade, de possibilidades abertas, de escolhas" (DIAS, 2005, p. 87).

Guiddens parte da ideia de que na radicalização da modernidade não temos escolha senão a de decidir como ser e como agir. Desta forma as escolhas se tornam obrigatórias e o "eu" é o ator fundamental nesse processo, responsável de sobremaneira pela construção ativa de sua identidade. Para ele "todo o ser humano é reflexivo no sentido de que pensar a respeito do que se faz é parte integrante do ato de fazer, seja conscientemente ou no plano da consciência prática" (GIDDENS, 2000, p. 87). Nesta perspectiva há, por parte do autor, uma compreensão de que os indivíduos são capazes de autoexame de suas próprias ações, desta maneira desencadeando constantes formulações e reformulações em suas práticas sociais e de seu próprio sujeito. "Em todas as culturas, as mudanças por meio do acesso às informações são existentes, mas é somente nas sociedades modernas que esta revisão ou reflexão toma proporções maiores" (OLIVEIRA, 2015, p. 8). Dessa forma, viveríamos "de modo muito mais reflexivo do que as gerações passadas. [...] A radicalização da modernidade significa ser obrigado a viver de modo mais reflexivo, enfrentando um futuro mais incerto e problemático" (GIDDENS, 2000, p. 87).

Ao contrário do que pensam alguns teóricos da modernidade ou pós-modernidade de que o tempo em que vivemos impõem-nos limites para o pensamento reflexivo, e de que a razão que impera na metafísica é a instrumental, Giddens alimenta a expectativa de que a modernidade, na sua expressão atual, como *Alta modernidade* ou *Modernidade Tardia* ampliou as possibilidades de escolha e decisão, mesmo que tenha com isso aumentado os riscos e desafios. Para ele a modernidade nos desvencilhou dos tipos tradicionais e de ordenamentos pré-fixados socialmente de uma maneira sem precedentes. A reflexividade é característica da modernidade, visto que o "eu" reflexivo, passível de revisões pelo próprio indivíduo não é considerado mais como uma entidade estabilizada, nem mesmo passiva ou determinada. Isto quer dizer que o eu se torna um "projeto reflexivo", o indivíduo vive de "momentos de reflexividade", "conversas consigo mesmo", e até mesmo as influências sociais que afetam o comportamento "só o fazem por intermédio das nossas atitudes e opiniões [...]. A coação também pressupõe ação" (GIDDENS, 2000, p. 67).

Dessa maneira, Guiddens afirma que a perspectiva do eu reflexivo desencadeia um rompimento com a tradição de modo que no tempo em que ele chama de *Modernidade Tardia* o sujeito estaria desvencilhado de marcações temporais e culturais estáticas e deterministas. Qualquer fundamentalismo ou determinismo significa um bloqueio da reflexividade. Isto não significa dizer que a tradição não é reconhecida nos processos de individualização e socialização, mas passa a ser flexibilizada e mais "plástica" devido "ao fato de ser recriada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes" (GIDDENS, 2000, p. 20). De modo que, segundo ele, estaríamos vivendo não mais num mundo tradicional, mas de tradições entendidas como "contextos alternativos de tomada de decisões e que se apresentam como cenários ou apenas apontando diretrizes para as decisões futuras, ou como 'mundos possíveis' (GIDDENS, 2002, p. 33).

Há um deslocamento da figura da autoridade da tradição para a confiança no conhecimento e na informação, mesmo que isso implique o aumento dos riscos. "A dúvida, característica generalizada da razão crítica moderna, permeia a vida cotidiana assim como a consciência filosófica, e constitui uma dimensão existencial geral do mundo contemporâneo" (GIDDENS, 2002, p. 10). O risco passa a ser entendido como um libertar-se do passado para encarar de frente o futuro. Falar em "sociedade de risco" significa afirmar que nunca seremos capazes de nos sentirmos completamente seguros visto que a intervenção humana na natureza ao invés de conduzir à certeza e ao controle leva à dúvida e à imprevisibilidade. "A ciência elimina incertezas na mesma medida que cria outras dúvidas, novos riscos" (ZANGELMI, 2015, p. 118). "A vida sempre foi um negócio arriscado" (GIDDENS, 2002, p. 34). Na radicalização da modernidade risco é diferente de perigo, mas configura-se como caráter fundamental para as decisões, "porque o terreno por onde viajamos – ou vivemos- não é mais aquele da tradição, mas outro instável e fadado às mudanças, da radicalização da modernidade, sendo esta amplamente reflexiva" (OLIVEIRA, 2015, p. 12).

Pensar o processo de individualização na modernidade implica compreender como o eu se configura neste mar de informações que se transformou a modernidade. Se a reflexividade é bastante espontânea é absolutamente impossível ficar imune à ela. Este é o paradoxo da reflexividade.

4 *Alta Modernidade* e massificação

Numa sociedade caracterizada por um movimento frenético de mudanças potencializados pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e informação, que tornam ainda mais intensas e fugazes as relações sociais e institucionais e os seus movimentos, e ampliam as possibilidades de escolha, e ao mesmo tempo preestabelece um conjunto de valores, critérios de beleza, de comportamentos, que são "vendidos" aos diferentes consumidores, como constituir um estilo de vida consciente, que não seja implantado por outros e que o sujeito perceba como sendo autenticamente seu? Como constituir uma narrativa de vida, uma autobiografia reflexiva numa realidade acelerada? Como fazer escolhas sem referências consistentes para isso?

A discussão sobre a ambivalência do processo de socialização e individualização, marcadamente presente da modernidade, e as novas formas de sociabilidade estão presentes também no pensamento de Simmel (2006), para o qual "o asseguramento da existência, a aquisição de novas propriedades, o desejo de afirmar e expandir a própria esfera de poder, são impulsos fundamentais para o indivíduo a partir dos quais ele pode se associar de modo conveniente a muitos outros indivíduos a seu gosto" (SIMMEL, 2006, p. 41). Os impulsos de sociabilidade se desvencilham das realidades da vida social e se convertem em formas sociais, enquanto construções coletivas, que possibilitam a realização ou não das vontades singulares de cada membro da vida social. O autor realça que a socialização é a forma pura da interação, "acima de todo o conteúdo específico de todas as sociedades unilateralmente caracterizadas" (SIMMEL, 2006, p. 65). Para Simmel, nas

sociedades cada vez mais complexas, é possível perceber uma intensificação da liberdade e autonomia dos indivíduos, mas, por outro lado, ao mesmo tempo cresce a interdependência entre eles. Este é o paradoxo da modernidade: o distanciamento entre os sujeitos é acompanhado por uma crescente interdependência.

Para explicar o peso e o significado do indivíduo na circunstância social e diante dela, Simmel afirma que “o homem é, como ser sociável, uma figura muito singular [...]. Por um lado se livra de todos os significados materiais da personalidade e entra na forma sociável e, por outro lado, se depara com tudo o que é subjetivo e puramente individual na personalidade” (SIMMEL, 2006, p. 68).

Dentre as formas de socialização, Simmel aponta para a possibilidade da massificação, “como um fenômeno que surge não da individualização plena de cada um de seus participantes, mas daqueles fragmentos de cada um que coincidem com os demais” (SIMMEL, 2006, p. 50). A massa arruína com facilidade o caráter, “retirando-o da posição elevada obtida por sua formação e levando-o a um ponto no qual ele pode se adequar a qualquer um” (SIMMEL, 2006, p. 49), o que conduziria o indivíduo a um nível medíocre de reflexividade. Simmel discute então acerca do caráter simplista e radical da massa além dos seus aspectos emotivos e atrativos, e seus enormes efeitos inclusive no que tange aos crimes de massa onde cada participante isoladamente se declara inocente.

Os objetivos da massa correspondem àqueles que os indivíduos apresentam como os mais primitivos e simples, exatamente por serem os mais disseminados, e consensuais, ao contrário da experiência individual, onde o “indivíduo é pressionado, de todos os lados, por sentimentos, impulsos e pensamentos contraditórios, e de modo algum sabe decidir com segurança interna entre suas possibilidades de comportamento” (SIMMEL, 2006, p. 40). É, no entanto, justamente neste estar no mundo aberto, contraditório que ele se mostra livre e autônomo, singular. Por outro lado, Simmel (2006) destaca o duplo sentido da massa na lógica de que ela é capaz, por um lado, de produzir um entusiasmo que pode ser eticamente valioso, no entanto, não se pode escamotear o seu caráter deformador e irresponsável.

É possível superar os riscos da massificação? Como pensar num processo de individualização que preserve o cuidado com a singularidade mesmo em um ambiente de interdependência no qual o sujeito está imerso desde sempre e o eu sempre em perigo de perder-se?

Indivíduo e Sociedade não existem um sem o outro é o que afirma Norbert Elias (1994). Todas as pessoas, mesmo desconhecidas, estão ligadas umas às outras numa rede de dependência que não é criação de nenhum indivíduo particular, nem mesmo de um conjunto de indivíduos, nem tampouco algo que existe fora dos indivíduos. Ao destacar que a constituição dos indivíduos é o resultado das relações que estes estabelecem com outras pessoas e da estrutura preexistente de relações onde ele cresce e que se configurou antes mesmo de ele nascer, o autor indica a individualidade que o ser humano acaba por desenvolver é resultado de processo de individualização e que acontece de forma específica em cada sociedade.

Toda a sociedade grande e complexa tem, na verdade, as qualidades: muito firme e muito elástica. Em seu interior, constantemente se abre um espaço para as decisões individuais. Apresentam-se oportunidades que podem ser aproveitadas ou perdidas. Aparecem encruzilhadas em que as pessoas têm de fazer escolhas, e de suas escolhas, conforme sua posição social, pode depender ser destino pessoal imediato, ou o de uma família inteira, ou ainda, em certas situações, de nações inteiras ou de grupos dentro delas. [...]. Mas as oportunidades entre as quais a pessoa assim se vê forçada a optar não são, em si mesmas, criadas por essa pessoa. São prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que as pessoas exercem dentro delas (ELIAS, 1994, p. 48)

Para Elias, historicamente, os padrões de conduta, códigos de comportamento e expressões de uma sociedade foram se cristalizando e é impossível separar as transformações gerais sofridas pelas sociedades e as alterações ocorridas nas estruturas da personalidade dos indivíduos que a formam. É, portanto, caro a Elias o conceito de *figuração* que nos remete a pensar os processos de socialização e individualização a partir da existência de uma teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si a vários níveis e de diversas maneiras, que chamamos de sociedade (metáfora da dança de salão). “Cada pessoa está realmente presa [...]. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais” (ELIAS, 1994, p. 23).

O que está em discussão, como questão de fundo, a partir destes diagnósticos a respeito da sociedade atual, é o processo de formação do indivíduo e os fatores que lhe permitem ou dificultam fortalecer seu projeto de vida, como auto ou hetero-desenvolvimento. As nuances do processo de socialização e individualização criam insegurança e risco, abertura e possibilidades de formação integral ou massificação fragmentada. É o homem cuja vontade e aspirações condiciona o processo de sua formação ou o processo é desencadeado por solicitações a ele alheias? É possível então pensar um processo biográfico-constutivo que conduza à formação integral dos indivíduos em oposição à massificação?

5 Processos midiáticos e as possibilidades do diálogo formativo

Não se pode pressupor nunca que as diversas formas de mídia sejam politicamente neutras ou antecipadamente afirmar que sejam socialmente maléficas ou benéficas. Ou mesmo, de antemão, depositar nelas a esperança de que tenham absoluto sucesso no seu intento de propiciar informações que reconheçam e explorem a complexidade das experiências humanas. O que se percebe é que, se no século XX, o mercado global de mídia é controlado por não mais do que 20 megacorporações de mídia multinacionais, estes no mínimo, enquanto àqueles que constroem as notícias, acabam por atuar como os “guardiões” para o que entra na agenda, elaboram narrativas e dão inteligibilidade ao mundo. As chamadas “Supercompanhia de mídia” concentram boa parte daquilo que é produzido, distribuído e comercializado de notícias, cultura e entretenimento, o que pode ser sentido em quase todos os países^[2].

Para Giddens (2012), “à medida em que as corporações midiáticas se tornam ainda mais concentradas, centralizadas e globais em seu alcance, haverá razões para a preocupação de que o importante papel da mídia como fórum para o discurso, a expressão e o debate seja restringido” (GIDDENS, 2012, p. 546). Isto pode representar um atentado ao pluralismo de ideias, culturas, enfim, um empecilho à reflexividade, elementos tão imprescindíveis às sociedades democráticas e capaz de apontar para as diferentes possibilidades de escolha do indivíduo livre. “Ela poderá promover o seu próprio material, poderá exercer autocensura e poderá fazer ‘endosso cruzado’ de produtos de seu próprio império, em detrimento dos que se encontram fora dele” (GIDDENS, 2012, p. 546).

Tal diagnóstico indica que o “imperialismo midiático^[3] tem potência para obstruir os espaços de diálogo público, contribuindo, de certa maneira, para que as escolhas de estilos de vida sejam alienadas, irreflexivas, consolidando biografias não coerentes e nunca ou nem ao menos minimamente revisadas. A mídia ofertar-nos-ia uma pseudo-esfera pública, criando uma esfera de meras relações públicas ao invés de ser geradora de um genuíno debate público.

Se as mídias nos unem, neste cenário, elas não o fazem de maneira homogênea. Fica guardado, latente, ainda a possibilidade aberta do diálogo vivo que movimentam as engrenagens da democracia, o que permitiria o desenvolvimento de modos de vida autorreflexivos e uma sociabilidade como construção social e coletiva. “Os consumidores da mídia não são ‘tolos culturais’ que possam ser facilmente manipulados por interesses corporativos, à medida que o alcance e o volume das formas e conteúdos das mídias se expandem, os indivíduos estão se tornando mais hábeis em interpretar e avaliar as mensagens e o material que encontram” (GIDDENS, 2012, p. 547). O indivíduo não deve ser visto como um apêndice das grandes estruturas, mas na mesma medida suas experiências não se dão apartadas destes contextos visto que o mundo vem a ele muito através das mídias. “Há a necessidade de se considerar que há vencedores e perdedores da reflexividade, e o lugar

do agente na estrutura de informação e comunicação” (ZANGELMI, 2012, p. 120). Dessa forma “o projeto reflexivo do eu incorpora numerosos acontecimentos contextuais e formas de experiência através da mídia, através dos quais deve estabelecer uma rota (GIDDENS, 2002, p. 186).

Entre o alarmismo e a dissimulação, a massificação e o relativismo, Giddens aponta o “diálogo público” como alternativa para tal impasse. Sugere que, não só as mídias, mas os espaços educativos formais, devem se converter em ambientes favoráveis para o diálogo de caráter formativo.

O diálogo, como jogo político, que abre espaço para a experimentação pessoal e coletiva dos rumos adotados pelos indivíduos e permite, agora sem a autoridade absoluta da tradição, a adoção de uma política mais gerativa, um engajamento político positivo, o que Guiddens chama de “política-vida”. Nesta perspectiva ele afirma que há uma nova identidade para o eu na modernidade, passível de monitoramento e revisão.

O eu torna-se um projeto reflexivo, baseando-se em identidade auto-construída, individual e coletivamente. [...] A exiguidade de dilemas – situação típica tanto em sociedades tradicionais, que forneciam 'guias' inquestionáveis para as ações, quanto da arrogância racionalista de alguns momentos da modernidade, nos quais o progresso era tido como inexorável – na modernidade tardia perde espaço para uma atmosfera problematizadora, questionadora, que a cada momento coloca desafios a reflexividade do sujeito (ZANGELMI, 2012, p. 119-120).

Desta forma, em face à vários cenários possíveis, a autoreflexividade, a formação humana pode se configurar no diálogo radical, aberto, livre e consciente, desvinculada de ordenamentos institucionais ou socialmente pré-fixados ou engessados no tempo e no espaço. O diálogo vivo, tenso e intenso, aberto, incabado e *ad infinitum*, mediado tecnologicamente ou não, possibilitaria a constituição de uma individualidade permanentemente revisitada, infundavelmente revisada, e criticamente refletida, o que fortalece a autonomia do eu e de seu projeto reflexivo.

6. Referências

CENCI, Angelo Vitório; MARCON, Telmo. Sociedades Complexas e Educação: individualização e socialização. In.: *Anais*. V Seminário Nacional Sociologia & Política. Maio de 2014, Curitiba – PR.

DIAS, Rafaela Cyrino Peralva. Resenha: Modernidade e Identidade. In.: *Psicologia & Sociedade*, 17 (3), 80-81; set/dez: 2005. UFMG.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony; PIERSON, Christopher. *Conversas com Anthony Giddens. O sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 6 ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

NASCIMENTO, Antonio Dias. Educação e Comunicação: diálogos contemporâneos e novos espaços de reflexão. In.: *Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas*. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, Geilson Fernandes de; MENDES, Marcília Luzia Costa. Modernidade e Reflexividade: considerações à luz do pensamento de Anthony Guiddens. In.: *Revista Espaço Acadêmico*. N 170. Universidade Estadual de Maringá. Julho 2015.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

THOMPSON, J. *Ideologia e cultura moderna*. Teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa (4ª ed.). Petrópolis: Vozes, 1995.

ZANGELMI, Arnaldo; OLIVEIRA, Fabrício. Modernidade e Reflexividade: Anthony Giddens e a interpretação do mundo contemporâneo. In.: *Isegoria*. Ano 1, vol 1, n2, fevereiro 2012.

[1] O modelo hipodérmico compara a mensagem da mídia como uma droga injetada com uma seringa. Baseia-se na ideia de que a audiência (como o paciente) recebe e aceita a mensagem de forma passiva e direta e não se envolve com ela de maneira crítica e responde de maneira mais ou menos homogeneia. A mídia teria o poder de, “drogando” a audiência, destruir sua capacidade reflexiva e de pensar criticamente.

[2] A pesquisa *Media Ownership Monitor* (MOM - Monitoramento da Propriedade da Mídia), organizada pela *Reporters Without Borders* (Repórteres Sem Fronteira) fornece um mapeamento dos veículos de maior audiência no mundo e no Brasil (e que tem maior potencial de influenciar a opinião pública) e os grupos que os controlam. Os dados disponíveis e continuamente atualizados buscam responder a questão: *Quem controla a mídia?*, além de produzir indicadores do risco ao pluralismo e à independência da mídia. Entre eles estão a concentração da audiência, a concentração da propriedade e a existência ou não de controles externos. O estudo completo está disponível em: <http://brazil.mom-rsf.org/br/>. Os dados atuais foram apresentados no dia 02 de fevereiro de 2018.

[3] Expressão utilizada pelo ex-presidente do Equador Rafael Correa em entrevista ao jornalista Kennedy Alencar em 2012. Correa se refere ao que ele chama de “massacre comunicacional que um reduzido contingente de impérios de comunicação produz ao esconder, minimizar, aumentar, distorcer ou inventar fatos, além de, não raro, censurar divergências”. Para ele não é “censura” querer que as mídias em termos globais se tornem mais plurais. E vai além, afirmando que “a fome, a miséria e a injustiça que ainda flagelam parte imensa da humanidade sustentam-se nas versões dos fatos que são contadas, na falta de pluralidade na comunicação”. A entrevista completa encontra-se disponível em <https://blogdadacidanania.com.br/2012/07/imperialismo-midiatico-e-o-maior-problema-da-humanidade/>. Acessado em 28/11/2017.